

## Como um Rockefeller sonhou em modernizar o Brasil

Antonio Pedro Tota\*

O nome de Nelson Rockefeller geralmente é associado à poderosa família de magnatas americanos ligada ao petróleo. Foi seu avô, John D. Rockefeller que fundou a *Standard Oil*, a gigante e inescrupulosa corporação que monopolizou a prospecção, transporte, refino e distribuição dos produtos derivados do ouro negro.

Pode ser também que alguns brasileiros lembrem-se de Nelson Rockefeller como o enviado especial do presidente Richard Nixon ao Brasil em 1969. Afinal, na época, a visita do representante maior do imperialismo *yankee* gerou muita confusão e polêmica, provocou revoltas de estudantes em São Paulo e em outras cidades do país; como era de se esperar de um governo militar, os estudantes foram violentamente reprimidos.

Mas certamente poucos, muito poucos, são capazes de relacionar o nome de Nelson Aldrich Rockefeller a um projeto ambicioso de modernização do Brasil.

Ele nasceu muito rico e, claro, com muito poder, a 8 de julho de 1908. Educado com base em preceitos religiosos batistas com traços liberais, desde cedo aprendeu com o pai que não deveria considerar as outras pessoas inferiores pelo fato de ser muito rico. Aprendeu também que não deveria ser arrogante com empregados e pessoas de outras etnias. Na verdade, essa parte da educação era reforçada pela mãe, de formação mais liberal, ligada às artes e à cultura, cuja família tinha uma tradição anti-racista; a bisavó, segundo os relatos, havia sido uma ardente abolicionista. De fato, em uma carta aos filhos adolescentes, pedia:

“Eu quero fazer um apelo ao senso de justiça que existe em vocês. Vocês devem tratar os outros jovens, sejam eles negros, judeus ou de outra raça, com decência e respeito. É uma desgraça para a América esses linchamentos que vemos acontecer...”<sup>1</sup>

Em 1930, Nelson Rockefeller casou-se com Mary Todhunter Clark, de uma família do patriciado da costa leste. Uma boa oportunidade de trabalho surgiu quando o pai iniciou um projeto para construir o famoso *Rockefeller Center*, o conjunto de edifícios que ocupa várias quadras no centro de Nova York. Nelson uniu o útil ao agradável: fazer negócios e se envolver com a arte e a arquitetura, pelas quais tinha forte inclinação. Mas, acima de tudo, animou-se com o desafio de se envolver com problemas e buscar soluções.

Em 1937, ele viajou para a América do Sul e visitou, entre outros países, a Venezuela e o Brasil. Na Venezuela inspecionou os campos petrolíferos da *Creole*, uma das companhias da família. No Brasil interessou-se mais pelo potencial agrícola do país do que pelas possibilidades de exploração de petróleo. Mas o que viu na Venezuela parece ter despertado nele uma espécie de consciência crítica revelada num pronunciamento para convencer uma plateia de sócios e altos funcionários da *Standard Oil* que era preciso mudar profundamente as relações entre o capital e o trabalho.

“Nós temos que reconhecer as responsabilidades sociais que uma grande corporação tem e elas devem usar o potencial de seus bens para atender os interesses da população. Se não fizermos assim, eles tomarão de nossas mãos o que nos pertence.”<sup>2</sup>

Para ele, seus empregados deveriam aprender a língua do país hospedeiro das empresas americanas, conhecer mais os costumes, hábitos e psicologia dos povos<sup>3</sup>. Os empresários anglo-americanos não poderiam continuar se comportando como se fossem vice-reis ingleses na Índia ou os belgas no Congo. Teriam que humanizar as relações de trabalho sob o risco de provocar uma convulsão, como a que ocorreu na Rússia em 1917.

Nelson ingressou na política americana como um republicano, mas em pouco tempo chegou a surpreender seus pares. Quando a depressão atingiu os Estados Unidos, os americanos estavam cansados das promessas vãs do “*American dream*” dos republicanos representantes do *big business*. Nas eleições de 1932, elegeram o democrata Franklin Delano Roosevelt que pedia a união dos estadunidenses para combater o medo. Roosevelt pedia confiança

e prometia combater a depressão e a pobreza com as mesmas estratégias de uma guerra. Republicanos muito ricos, como os Morgan e os Ford, viam em Roosevelt um inimigo da livre iniciativa. Muitos achavam que o novo presidente era um agente soviético infiltrado na elite política americana. Este não era o caso dos Rockefeller, particularmente de Nelson. Numa palestra que fez aos altos executivos da *Standard Oil*, defendeu o *New Deal* de Roosevelt.

“Quando o colapso chegou em 1929, a indústria não estava afinada a uma política de boa vontade para com o país e por isso tornou-se o alvo da indignação pública. O presidente Roosevelt e sua administração aproveitaram a oportunidade para tomar medidas corajosas para corrigir a situação de grande perigo em que a indústria se envolveu, o que nunca deveria ter acontecido.”<sup>4</sup>

A simpatia pelo *New Deal* ajudava Nelson a convencer sua própria família de que suas empresas não podiam continuar sugando as “veias abertas” da América Latina quase sem serem importunadas. Era preciso implementar reformas inspiradas no modelo rooseveltiano. Ele começou pela melhoria da situação dos trabalhadores de sua companhia na Venezuela. No entanto, sua atenção e a do próprio governo Roosevelt, centrou-se mais no Brasil, o gigante pobre e atrasado da América Latina. O presidente americano encarregou o milionário Nelson Aldrich Rockefeller de dirigir o *Office of the Coordinator of Inter American Affairs*, agência criada para enfrentar o avanço da Alemanha Nazista na Ibero América. Nelson passava assim a ter uma atuação mais direta na política do seu país.

Em setembro de 1942, veio ao Brasil como enviado especial do governo Roosevelt, para consolidar os laços de solidariedade latino-americana na guerra contra o Eixo. Sabia, como participante de uma elite mais ilustrada do poder, que a América Latina teria que sofrer um choque de modernização. Em especial, o gigante brasileiro, tido como o parceiro mais importante em todo o continente, deveria receber mais atenção e se equipar em diferentes áreas para enfrentar as adversidades do conflito mundial.

Durante a guerra mundial, o anticomunismo que marcou a história dos americanos desde 1917 ficou relativamente esquecido, ou melhor, ficou

adormecido, latente. Isto porque o inimigo do momento era o nazi-fascismo. Um oponente formidável, sem dúvida, mas que estava com os dias contados, não tinha mais como expandir-se e só proliferou em um mundo tomado pelo racismo e pelo nacionalismo doentio e excludente. No Brasil, o nazismo contou com alguns simpatizantes que logo se dissolveram numa sociedade alinhada aos Estados Unidos. Nelson Rockefeller entendeu muito bem esse mecanismo e conteve seu anticomunismo até acabar o conflito. Afinal, a União Soviética lutava ao lado dos aliados ocidentais contra o Eixo.

Depois da guerra, no entanto, a paranoia anticomunista norte-americana renasceu e o comunismo soviético, aliado de circunstância, ao contrário do nazismo, dava claros sinais de longa vida, parecia cada vez mais saudável. Este sim era, portanto o inimigo a ser temido e combatido de todas as formas. Os apelos dos comunistas eram internacionalistas, com promessas de uma utopia de um mundo sem classes, sem pobres e sem ricos. Os comunistas ofereciam um mundo concreto, uma alternativa ao mundo material do liberalismo capitalista. Resumindo: o comunismo era o principal inimigo e deveria ser combatido mais com inteligência e argúcia do que com a força.

Anticomunistas convictos, os membros da família Rockefeller, entretanto, não comungavam exatamente com os laivos radicais e reacionários do clima paranoico que imperava na época. O jovem Nelson Rockefeller tinha clara consciência de que deveria haver mudanças nas relações entre seu país e a América Latina. Ele parecia ver-se como um verdadeiro messias, aquele que havia sido o escolhido para criar relações trabalhistas mais humanizadas, e com isso, como é claro, proteger os investimentos americanos,. Ou seja, ele não fazia isso exatamente pelo bem comum, mas pelo seu próprio interesse, da sua família, de sua classe e de seu país. Sabia que, para isso, deveria combater a grande desigualdade que marcava a história do Brasil. O nível de vida da população deveria subir e espelhar-se, se possível, no próspero vizinho do norte. Deveríamos tentar alcançar, de algum modo, um nível de bem estar social semelhante ao americano.

A chave para entendermos as relações de Rockefeller com o Brasil talvez esteja numa passagem do clássico *A Democracia Americana* de Aléxis Tocqueville, publicado cem anos antes da viagem de Nelson à América do Sul.

“Nos Estados Unidos, a virtude quase nunca é bela. Afirma-se que ela é útil... Os moralistas americanos não pregam o sacrifício por outros porque é um ato de nobreza fazer sacrifícios. Mas dizem, de forma ousada, que tais sacrifícios são tão necessários para os que se beneficiam deles como para aqueles que fazem tais sacrifícios... Essa é a doutrina do interesse próprio bem entendido...”<sup>5</sup>

Tocqueville discute essas questões no capítulo com o significativo título *Como os americanos combatem o individualismo pelo princípio do interesse próprio bem entendido*.

Quando a guerra estava começando na Europa, os isolacionistas e as grandes empresas dos Estados Unidos pareciam refratários à doutrina descrita por Tocqueville. Nelson acreditava que tivesse vindo ao mundo para mostrar aos homens de negócios o caminho certo a ser trilhado; moldar-lhes uma alma com mais responsabilidade social; levá-los a fazer sacrifícios pelo “*interesse próprio bem entendido*”. E parece ter sido na América do Sul, em especial no Brasil, que Nelson teve seu rito de iniciação, procurando convencer seus iguais da necessidade de mudar de atitude.

Depois da guerra, Nelson Rockefeller esteve mais oito vezes no Brasil. A maioria de suas visitas ao país estava relacionada ao seu projeto de amplo espectro para transformação e modernização do país. Construiu, zelosamente, uma rede de amigos, sócios e admiradores que serviu para espalhar os princípios políticos, econômicos e ideológicos do americanismo<sup>6</sup>. Fundou duas instituições: a *AIA (American International Association)*, com fins filantrópicos, e a *IBEC (International Basic Economy Corporation)*, para gerir os negócios em geral.

Seus projetos incluíram de pesquisas com novas raças de porcos, sementes de milho híbrido, novas qualidades de café, pastagens especiais para gados especiais, a criação extensiva de frangos e rações. Se as pesquisas apontavam para necessidade de mais residências, a *IBEC Housing*,

outro de seus empreendimentos, resolveria com a construção de casas seguindo o mesmo padrão de linha de montagens das fábricas de Detroit. Se fosse detectada a necessidade de se preparar grandes extensões de terra para plantar, a *EMA (Empresa de Máquinas Agrícolas)* empregaria tratores, arados, colhedoras para facilitar a tarefa dos agricultores. A *Helico*, uma empresa de helicópteros, pulverizaria produtos para fertilizar e combater as pragas das plantações. A *IBEC Technical Service* faria pesquisas para a introdução de novas gramíneas para pastagem e formas mais adequadas de combate a praga do café.

Criou ainda a *ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural)*, inicialmente em Minas Gerais, que fornecia ajuda financeira aos pequenos agricultores para modernizar agricultura. Sua inspiração foi a *Farmers Security Administration*, proposta por Roosevelt, que salvou os pequenos agricultores americanos da ruína<sup>7</sup>. A *ACAR* também ensinava rudimentos de higiene para os agricultores brasileiros. Quando Juscelino Kubistchek foi eleito presidente, assinou acordo com Nelson Rockefeller para estender a *ACAR* para todo o Brasil. O que pouca gente sabe é que o seu *Programa de Metas* ou *Plano de Metas*, como ficou mais conhecido, foi baseado em parte nas propostas de Nelson.

Seus projetos envolviam também a cultura, erudita ou popular. Foi assim que ele atuou na área das artes plásticas modernas e contemporâneas, incentivando a criação de museus, ao mesmo tempo em que intermediava a vinda de orquestras americanas, como a de Tommy Dorsey, para shows musicais, ou estimulava transmissões radifônicas de caráter político-ideológico. Este foi o caso do programa de Al Neto, jornalista e radialista, que parecia ver em Nelson a única forma de salvar o país do atraso e do comunismo. Al Neto lia suas crônicas diárias em rede de rádio para todo o Brasil pelas *Emissoras Associadas de Chateaubriand*. O jornalista discorria sobre os mais diversos temas: liberalismo *versus* socialismo; antibiótico e plantas medicinais brasileiras; formação de técnicos; reforma agrária; classes produtivas, socialismo e capitalismo de estado; democracia no Nepal; Guerra da Coreia etc. Apesar do amplo leque temático, a base era uma só: as

grandezas e vantagens do mundo livre em contraposição ao mundo comunista. Este era a contribuição indireta e ativa de Nelson para a chamada “contra-propaganda”, associada ao clima da guerra-fria. E durante a guerra o *Office of the Coordinator of Inter American Affairs* financiou a produção de dois filmes de Walt Disney. Crianças e adultos brasileiros e americanos ficaram fascinados quando viram o famoso Pato Donald encontrar-se com Zé Carioca ou Joe Carioca. No episódio, *Aquarela do Brasil* do filme *Alô Amigos*, o papagaio brasileiro apresenta o Rio de Janeiro ao pato americano.

Ele ocupou-se também de “educar” nossa elite no plano estético-ideológico. Em de julho 1950, participou da inauguração de um ala do *MASP*, *Museu de Arte de São Paulo*, criado pelo magnata da imprensa Assis Chateaubriand. Na ocasião fez um discurso que pode ser considerado a pedra angular da política cultural dos Estados Unidos em defesa do liberalismo. Nelson traçou um paralelo entre o povo brasileiro e o americano. Depois comparou a economia e a política. A ênfase de Nelson no discurso era sobre as vantagens do mundo livre e as ameaças que poderiam destruí-lo. A união profunda entre brasileiros e americanos era, segundo ele, o melhor meio de defesa da liberdade.

A parte fundamental do discurso foi reservada para o final, quando fez uma coerente interpretação da relação entre arte e liberdade. A arte moderna abstrata, disse ele, deve ser respeitada como a expressão da emoção e das aspirações humanas. “*Lembremos que os nazistas suprimiram a arte moderna rotulando-a com uma arte degenerada... e os soviéticos suprimiram a arte moderna qualificando-a de formalista e burguesa.*” Também combateu a arte figurativa, vista como uma arma do realismo socialista. Finalizou seu discurso dizendo que o saudoso presidente Roosevelt considerava os museus como “*cidadelas da civilização*”.<sup>8</sup>

Foi assim que, no período pós-guerra, Nelson atuou em variadas áreas na sua missão para modernizar o Brasil. A modernização seria usada como eficiente arma para combater ideias comunistas. O modelo a ser seguido pelas “*outras Américas*”, isto é, a porção do novo continente que havia ficado na

periferia do progresso, eram os Estados Unidos, apresentado como o centro da modernização das Américas.

No entanto, a concepção anglo-americana de modernização não era simples de ser adotada, entendida e imitada pela sociedade brasileira<sup>9</sup>. Na periferia, como é a situação do Brasil, a modernidade não fincou raízes. Na análise de Luiz Werneck Vianna<sup>10</sup>, na Ibero-América deu-se a modernização, mas não a modernidade. Ou seja, nos centros, a modernidade dá-se por rupturas, como ocorreu com a Revolução Francesa, a Revolução Industrial inglesa ou a Revolução Americana, desembocando em longo processo de modernização. Na periferia, parece que “saltamos uma etapa” ao entramos diretamente na modernização, sem passar por grandes rupturas. Aqui a modernização ocorreu como fruto de uma certa acomodação entre as elites tradicionais, de origem agrária, e as modernas, mais ligadas a atividades urbanas. Modernização sem modernidade. Em outras palavras, a modernização nasce comprometida com a tradição e altamente dependente das elites políticas. Talvez algumas dessas forças possam até ter deixado traços de modernidade europeia (positivismo e o saintsimonismo de Vargas?), logo dissolvidas nesse “contrato” entre as elites tradicionais e as modernas. Modernização em movimento de avanços e recuos, difícil de ser mensurado.

Nelson A. Rockefeller sabia ou intuía que o Brasil precisava de ajuda para acelerar o processo de modernização. Assessorado pela sua equipe, o norte-americano fazia algumas projeções que escapavam à nossa realidade histórica. Às vezes, nas discussões com o seu grupo de auxiliares, ele se deixava seduzir pelas próprias idéias – apesar de que se dizia que ele tinha muitas ideias, mas nenhuma vinda de seu próprio cérebro – e mergulhava em devaneios utópicos, imaginando que seu projeto iria criar aqui um *yeomanry*, base ideal do *self-government jeffersoniano*. Isto significava que ele projetava um Brasil “reformado” segundo a história dos Estados Unidos com seus pioneiros e colonos tomando posse das glebas recebidas pelo *Homestead Act*.

Aos poucos, Nelson percebeu que não seria possível transferir, simplesmente, a modernidade anglo-americana para uma sociedade de perfil ibero-americano que desconheceu a ruptura como a ocorrida em seu país.



Mas, se a modernidade era historicamente improvável de ocorrer aqui, que se acelerasse a modernização, que o avanço fosse maior que o recuo.

O caminho era uma mediação entre as duas formações históricas. Começar com acordos e acomodações com as elites tanto tradicionais como com as mais modernas para por em prática medidas concretas. Se, na passagem para a república, um Ruy Barbosa tinha um projeto arrojado de cobrir o país com ferrovias (agenda da modernização)<sup>11</sup>, quase 50 anos depois, Rockefeller pensou que a modernização só seria possível com um sistema adequado de transportes para superar os gargalos logísticos que impediam os produtos de chegar aos portos e cidades. Seu plano foi o de acelerar, literalmente, a agenda da modernização no Brasil por meio da queima de combustível fóssil em estradas e largas avenidas para escoar o trânsito de automóveis, ônibus e caminhões. A própria Marginal dos rios Tietê e Pinheiros em São Paulo é resultado dos planejadores que trabalharam com Nelson Rockefeller.

Além de um sistema do transporte eficiente, outro ponto fundamental para a modernização pensada por Nelson eram os investimentos na formação de uma classe média rural e urbana de formação mais recente. Por isso Nelson propôs programas de extensão rural em várias regiões do país. “*Levar à casa do mais modesto cidadão, as simples, mas modernas práticas de saneamento, higiene, e cuidado infantil,*” foi o que declarou em sua visita ao Brasil, em novembro de 1946, num encontro patrocinado pelo Ministério da Agricultura.

*“É meu desejo contribuir para o progresso do Brasil, ainda que de forma modesta, cooperando com vocês... Não é meu propósito comprar e manter propriedades no Brasil para fins especulativos. Capital empregado assim tende a ser estéril e impedir o progresso. No entanto, se o capital for usado para estimular a produção por meio de métodos mais eficientes, isto pode se transformar num importante fator de progresso”<sup>12</sup>.*

O curioso é perceber como ele insistia em pensar o Brasil como se a nossa história fosse idêntica a dos Estados Unidos: “*O Brasil é um dos poucos países no mundo em que o pioneiro pode construir um lar na fronteira. Esses lares-fazendas deverão ser de tamanho médio.*”<sup>13</sup>. Transpondo para cá

condições próprias de lá, ele afirmava que em uma fazenda muito pequena a “*família não pode conseguir o suficiente para sobreviver e estará, certamente, condenada a viver na pobreza.*”<sup>14</sup> A solução para o Brasil era a média propriedade, a “*unidade ideal para uma sociedade democrática*”, o que geraria conforto e bem estar para a família média.

Para Nelson, o processo de passagem para uma sociedade democrática e moderna teria tido início no Brasil na ditadura de Vargas. Num encontro no *Council no Foreign Relations*, em Nova York, ele afirmou que o Brasil estava num processo de “*(...) transição de um período de uma ditadura esclarecida para uma democracia*”<sup>15</sup>.

A palavra utilizada em inglês para caracterizar o governo brasileiro sob Vargas foi *enlighted*, que, em tradução literal, significa *esclarecida*. Mas, considerando-se o contexto em que foi utilizada, assume um sentido mais abrangente. No verbete do dicionário *American Heritage*, *enlighted* é assim definida: “*To give spiritual or intellectual insight to*”. O verbete amplia ainda o sentido da palavra, lembrando uma frase de Thomas Jefferson: “*Enlighten the people generally, and tyranny and oppression of body and mind will vanish like evil spirits at the dawn of day*”. Ou seja, esclarecendo-se o povo, a tirania desaparece. Nas palavras de Nelson, ou no verbete do dicionário, *enlighted* ganha, portanto, um significado prenhe do sentimento de americanismo, que nasce com o *foundind father* Thomas Jefferson. Quando Nelson usou *enlighted* para explicar o Estado Novo, ficou patente que não aceitava o conceito de *totalitário* para identificar o regime de Vargas, ainda que setores políticos e intelectuais americanos insistissem em rotular o regime brasileiro de “hitlerista”.

Nelson insistia na associação do Estado Novo com o processo de modernização. Em 1952, ele visitou várias localidades no interior de São Paulo. Em São José do Rio Pardo, ele declarou que “*o Brasil está progredindo rapidamente (...). O serviço iniciado em 1937 no terreno econômico e social tem alcançado os melhores resultados*”<sup>16</sup>.

As relações próximas com a elite intelectual brasileira era um potente arsenal de implantação da modernização. Ele trouxe a semente do

americanismo com a certeza religiosa de que ela iria germinar nas férteis terras tropicais, adaptando-a aqui com o objetivo de criar oportunidades iguais para todos, com fortes raízes na ideia de progresso, entendido como liberdade de empreendimento, democracia industrial e aperfeiçoamento constante da modernização.

Os resultados do progresso e da modernização desencadeados no século passado podem se medidos, hoje, pelas condições sociais das grandes cidades brasileiras, em especial em São Paulo e no Rio de Janeiro.

---

<sup>\*</sup> Antonio Pedro Tota é o *nom de plume* de Antonio Pedro professor titular do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Contato: [totapedro@uol.com.br](mailto:totapedro@uol.com.br)

<sup>1</sup> Cf. Cobbs, Elizabeth A. *The rich neighbor policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven, Yale University Press, 1992. p. 27.

<sup>2</sup> Reich, Gary. *The Life of Nelson A. Rockefeller – Worlds to Conquer 1908-1958*. New York, Doubleday, 1996. p. 10.

<sup>3</sup> Cf. Rivas, Darlene. *Missionary Capitalist. Nelson Rockefeller in Venezuela*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2002, p. 24

<sup>4</sup> COBBS, Elizabeth. Op. cit. p.26.

<sup>5</sup> Cf. Cobbs, Elizabeth A. op. Cit. p. 30

<sup>6</sup> As dimensões do americanismo podem ser resumidas, segundo as concepções de Gary Gerstle, em primeiro lugar, na ideia do nacionalismo que é sintetizada na fidelidade aos heróis americanos que começa com os *Founding Fathers* e vai até Abe Lincoln que, como diz Richard Hofstadter, era um *self made myth*; em segundo, vem a democracia, que pode ser traduzida como a luta empreendida pelos heróis em defesa de suas ideias; em terceiro lugar, segue o progressivismo que aparece sempre vinculado à crença da racionalidade; e finalmente, o tradicionalismo, com raízes num passado nostálgico que lembra o nosso mazombismo. Cf. Gerstle, Gary – *Working-Class Americanism. The Politics o Labor in a Textile City -1914-1960*. Cambridge/New York. 1991. pp. 1-15.

<sup>7</sup> Reich, Cary. *The Life of Nelson A. Rockefeller – Worlds to Conquer 1908-1958* New York, Doubleday, 1996 p. 426

<sup>8</sup> Habitat –1 out-dez. 1950. pp. 18-19

<sup>9</sup> Herdeiros que somos de uma cultura católica e ibérica que não conheceu Lockes ou Hobbes, Descartes ou Newtons, restou o compromisso ibérico, que refletia uma cultura moderna, mas particular, isolada da cultura clássica ocidental. Morse, Richard. *O Espelho de Próspero – Cultura e Ideias nas Américas*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p. 36.

<sup>10</sup> Cf. Vianna, L.W. *O Estado de S. Paulo*, 22 de dezembro de 2013, p.2.

<sup>11</sup> Vianna, L.W. *Idem*

<sup>12</sup> Speech by Nelson A. Rockefeller, Rio de Janeiro, Brazil, November 18, 1946. Collection: Rockefeller Family; Record Group: 4; Series: NAR Personal; Sub-Series: Activities; Box: 145; Folder: 1578

<sup>13</sup> Doc. Cit. p. 4

<sup>14</sup> *Idem*, *ibidem*

---

<sup>15</sup> Adolf A. Berle's Speech Before Council on Foreign Relations, April 3, 1946 Collection  
Rockefeller Family , Record Group 4, Box 23A, Folder 150

<sup>16</sup> Gazeta do Rio Pardo de 16 de novembro de 1952, primeira página.